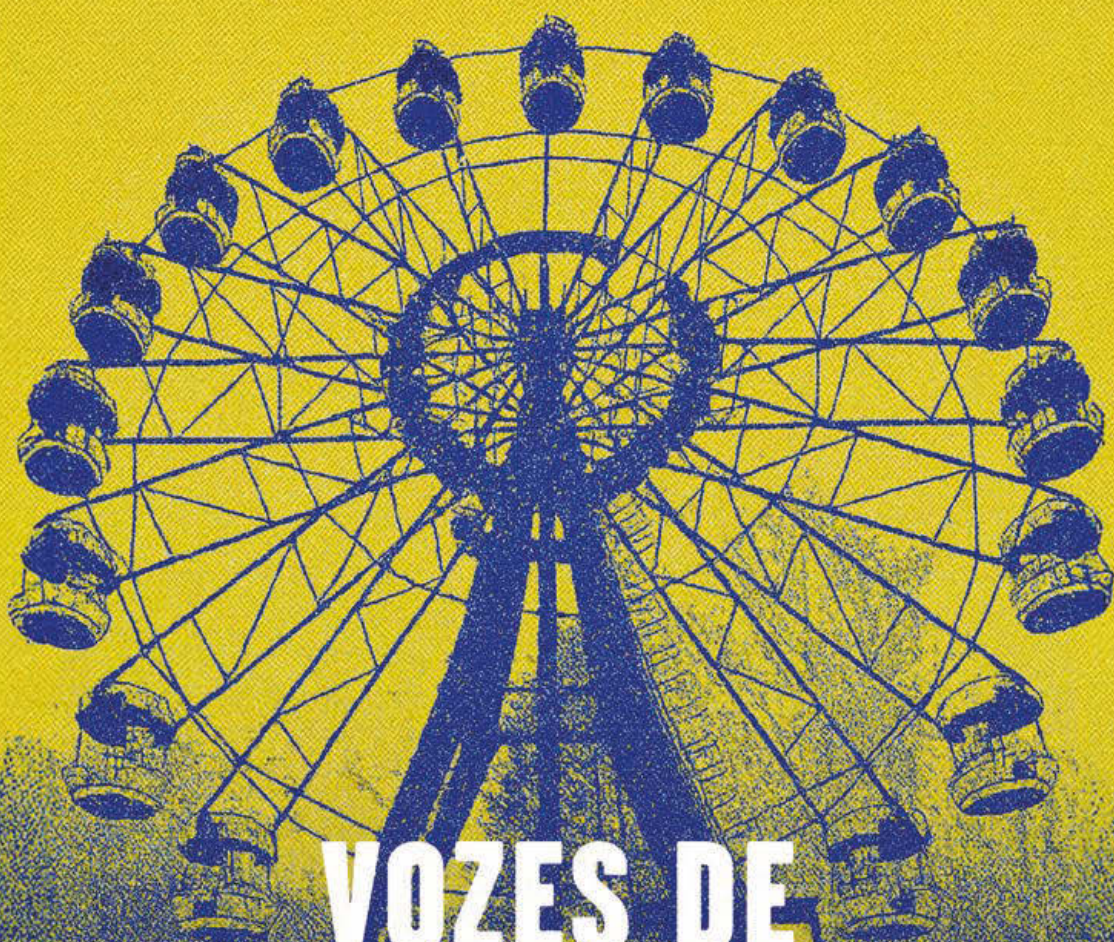


PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

SVETLANA ALEXIEVICH



VOZES DE CHERNOBYL

HISTÓRIA DE UM DESASTRE NUCLEAR

ELSINORE

ÍNDICE

9

Prefácio

Paulo Moura

—

19

Introdução histórica

—

25

Uma solitária voz humana

—

45

Entrevista da autora consigo mesma sobre
a história omitida e por que Chernobyl
lança dúvidas sobre a nossa visão do mundo

—

57

Capítulo 1 — Terra dos mortos

—

117

Capítulo 2 — Obra-prima da criação

—

217

Capítulo 3 — Admiração pela tristeza

—

313

Uma solitária voz humana

—

327

No lugar de um epílogo

—

PREFÁCIO

O mundo tem estado muito sozinho. Nas últimas três décadas, a História acabou, e começou outra coisa, ainda sem nome, a maior utopia de sempre desabou à nossa frente, milhares de milhões de pessoas emergiram da pobreza, as máquinas tomaram o poder, destruímos o planeta, as civilizações ergueram-se em guerra. Mas a arte não se comoveu. Nem mesmo aquela a quem mais custa mentir, em quem confiávamos e de quem esperávamos fiel testemunho, a literatura.

Vivíamos em profunda mudança, mas era como se as coisas acontecessem longe do nosso olhar, longe de nós. Até não ser mais possível. Os sinais eram inequívocos há muito, mas a atribuição do Nobel da Literatura a Svetlana Alexievich confirmou o fenómeno: a realidade chama pelos escritores.

Não era suficiente que os jornalistas fizessem o seu trabalho. Admitindo, por liberal hipótese, que o fazem, ou continuarão a fazer. Não era suficiente, apesar do jornalismo literário, das suas viagens e imersões no desconhecido, e da sua apropriação dos recursos da arte de contar.

A realidade exigia a presença dos escritores. Já não bastava o relato inteligente, culto, do que se passa. Não chegava informar, criticar, vigiar. Era preciso mais.

Quando a Academia Sueca anunciou o nome da autora bielorrussa, a primeira reação foi dizer que se atribuía o prémio, coisa inédita, a um jornalista.

Svetlana Alexievich não entendeu. Nunca achou que o que escreve fosse jornalismo. No universo cultural russófono, jornalismo

é mera informação. Quando muito, comentário efêmero, superficial e poucas vezes isento. A escrita de não-ficção inclui-se na tradição literária. Aleksandr Soljenítsin, o anterior Nobel da literatura russa (em 1970), também escreveu não-ficção. *O Arquipélago de Gulag*, a sua obra mais importante e influente, é um relato verdadeiro da sua prisão em Kolymá, um dos campos de detenção da União Soviética.

Svetlana Alexievich é uma escritora, embora fascinada com os factos. «A realidade sempre me atraiu, como um íman. Torturava-me, hipnotizava-me. Queria capturá-la no papel», disse ela numa entrevista. «Sabia, desde os cinco anos, que queria ser escritora, não jornalista.»

E, antes de aperfeiçoar o género que agora a caracteriza, experimentou, ensaiou, arriscou. Escreveu peças de teatro e poesia, realizou documentários. Para chegar à realidade, fez o percurso de um artista.

Pouco antes do anúncio do Nobel, um artigo da revista *The New Yorker*, o santuário da literatura de não-ficção, tinha como título «A não-ficção merece um Nobel».

O autor, Philip Gourevitch, lembrava que nem sempre existiu o preconceito contra a literatura da realidade. O segundo autor a receber o Nobel da Literatura, em 1902, foi o historiador alemão Theodor Mommsen. E depois foram galardoados Bertrand Russell, e até Winston Churchill, de cujo génio a fábula não foi decerto a expressão mais feliz. Nos últimos cinquenta anos, porém, o snobismo do mundo literário prevaleceu contra a evidência.

«Será que dá para acreditar?», pergunta Gourevitch no artigo. «Alexievich? Mas eles não sabem que ela é uma repórter? Será possível que o Comité Nobel tenha finalmente alterado o ignóbil tratamento que dá ao que chamamos “escrita de não-ficção”, ao admitir que se trata de literatura?»

Se isso acontecesse, como de facto aconteceu, a barreira entre os dois géneros seria definitivamente eliminada. E doravante as obras de ficção passariam a ser elogiadas como tendo «o poder e o alcance da não-ficção», e não ao contrário.

O que poderá vir a acontecer com qualquer livro de ficção que tenha sido ou venha a ser escrito sobre o desastre da central nuclear ucraniana. Será depreciativo compará-lo com *Vozes de Chernobyl*, de Svetlana Alexievich? Ou o supremo louvor?

Filha de um diretor de escola bielorrusso e de uma professora ucraniana, Svetlana Alexievich nasceu em 1948 em Ivano-Frankivsk, na região, hoje ucraniana, da Galícia, que antes pertenceu à Polónia, ao Império Austro-Húngaro e à União Soviética, e foi um dos centros da grande tradição literária da Europa Central.

Uma região onde não seria possível viver distraído das terríveis convulsões do século xx. A Segunda Guerra Mundial, a ocupação nazi, a repressão de Estaline e a guerra do Afeganistão deixaram marcas na família de Svetlana. Desde criança, ouvia as histórias das mulheres que se reuniam à noite a conversar. Muitos dos homens da povoação tinham perecido na guerra (foi o caso dos dois irmãos do pai), ou entregavam-se à depressão e ao alcoolismo.

Os relatos dessas mulheres foram o substrato do seu trabalho como escritora. Ouviu-as de novo, e a muitas outras mulheres com histórias da guerra, para organizar o seu primeiro livro, *У войны не женское лицо* (em português, *A Guerra não Tem Rosto de Mulher*).

A obra consistia numa colagem de monólogos de mulheres que viveram a guerra e contavam a sua história sangrenta, miserável e verdadeira, muito diferente da versão gloriosa da propaganda soviética sobre a Grande Guerra Patriótica.

O livro *Последние свидетели (сто детских рассказов)* (*As Últimas Testemunhas (cem histórias nada infantis)*) foi redigido com base nas memórias de infância da autora, também sobre as histórias da Segunda Guerra Mundial, e *Цинковые мальчики* (*Os Rapazes de Zinco*) foi publicado depois de uma viagem ao Afeganistão, durante a guerra com a União Soviética. Alexievich escreveu ainda *Зачарованные смертью* (*Encantados pela Morte*), sobre os suicídios na sociedade pós-soviética, antes do grande trabalho sobre o desastre nuclear na Ucrânia de 1986.

Vozes de Chernobyl foi publicado, na sua versão original em russo, em 1997, após mais de dez anos de investigação, no local, ouvindo centenas de pessoas. Os primeiros meses foram passados em Chernobyl, juntamente com todos os outros jornalistas, de vários países, que fizeram a cobertura do desastre. No dia 26 de abril de 1986, uma série de explosões destruiu o reator da central nuclear, situada na Ucrânia, perto da fronteira com a Bielorrússia, repúblicas ainda pertencentes à União Soviética. Devido à localização da estação nuclear, foi a Bielorrússia que mais sofreu os efeitos da radiação.

Na altura, os jornalistas aperceberam-se da falta de condições de segurança que levou à catástrofe, registaram a incompetência das autoridades comunistas em informar as pessoas do que se passava e do que deveriam fazer. E a cobertura estava concluída. Meses depois, o assunto saíra das agendas mediáticas. Para Svetlana, era o início do trabalho. Começou a ouvir as pessoas.

Tal como fizera nos livros anteriores, fez entrevistas, que depois transcrevia. Mais de quinhentas, entre habitantes das aldeias da Zona, bombeiros, soldados, sobreviventes, familiares e amigos dos que morreram. Não procurava apenas as respostas científicas e políticas.

Gravava os testemunhos, para os publicar em texto, após uma seleção e uma edição pessoal. Das quinhentas pessoas entrevistadas, cento e sete foram incluídas na versão final do livro. E de cada entrevista, cuja transcrição preenchia entre cem a cento e cinquenta páginas impressas, usou em média dez páginas. Cada uma das cento e sete pessoas escolhidas foi entrevistada mais de vinte vezes. «É como pintar um retrato», explicou ela à *New Yorker*. «Continuava a contactar as pessoas, e de cada vez acrescentava uma nova pincelada.»

O exercício da autoria está aí, na seleção e na edição. De resto, o livro apenas inclui as vozes de Chernobyl, páginas inteiras de discurso direto, vozes diferentes encadeadas umas nas outras por temas, sequência lógica ou cronológica.

O método foi desenvolvido por Svetlana a partir de algumas influências. Antes de mais, a própria tradição oral russa, dos contadores de histórias. Mais diretamente, aprendeu com outros autores russos e bielorrussos, designadamente Daniil Granin e Ales Adamóvitch, que, num trabalho conjunto sobre o Cerco de Leninegrado, optaram por transcrever longos testemunhos dos acontecimentos. Era uma espécie de história popular do Cerco. Mas não se coíbiavam de acrescentar partes da sua lavra.

A inovação de Alexievich foi retirar do texto todas as ruminções, cronologias e contextualizações. Considerou que a voz do autor não era, simplesmente, necessária. Deve permanecer nos bastidores, fazendo as perguntas certas, escolhendo as personagens mais interessantes, juntando as frases mais ricas. E apagar-se das páginas.

Para testar a afinação e a unidade do discurso, ganhou o hábito de ler em voz alta os monólogos, limando, abreviando, simplificando, até encontrar uma voz coerente entre as múltiplas vozes. A sua voz autoral.

Ao mesmo tempo, as páginas deste livro não deixam de ser apenas as palavras das pessoas entrevistadas, e por isso é tão surpreendente a profundidade, o lirismo, a originalidade, a qualidade literária das frases que os entrevistados proferem espontaneamente, em conversa, numa aldeia ucraniana ou num café de Minsk.

A autora conseguiria o mesmo efeito com cidadãos da Europa Ocidental ou dos Estados Unidos? Num dos capítulos, uma mulher queixa-se de que leu todos os grandes autores russos e isso não lhe serviu de grande coisa. Tolstói, Dostoiévski e Tchékhov não a prepararam para o que veria em Chernobyl. Eles não sabiam nada, diz a mulher, sem se aperceber de que falava, pensava, divagava como os grandes autores russos.

Svetlana Alexievich contou com isso. Entre todo o desnorteio, medo, solidão e demência, permaneciam, na sua força e complexidade, as estruturas mentais de uma civilização da palavra literária.

Mas isso também não explica como foi possível comprimir tanto sofrimento em meras palavras. A eficácia narrativa é assustadora. Muito superior à que qualquer autor conseguiria sozinho.

O acontecimento é excecional. Centrais nucleares não explodem todos os dias. Mas o sofrimento transborda das suas causas. Chernobyl simboliza o fim do mundo comunista, o fim da última grande ilusão da humanidade. A opressão, o desrespeito e a monstruosidade, que são afinal a nossa condição comum, quando caem os disfarces e já não há nada a esconder.

O sofrimento de Chernobyl tem essa coisa terrível: tal como a radiação, é impossível de circunscrever. As personagens de Svetlana descrevem a forma como o exército foi enviado, com os seus helicópteros, as suas armas, como se se tratasse de uma guerra. No mundo soviético, todos tinham sido educados para a guerra. Mas aquilo não era uma guerra, ainda que matasse. Não imediatamente, em consequência de um tiro ou um rebentamento, mas no decorrer de anos, décadas ou séculos. «Chernobyl... A guerra das guerras. Não há sítio possível para o homem se salvar. Nem debaixo de terra, nem debaixo de água, nem no ar», diz uma mulher.

Contam como os corpos contaminados eram queimados, como criaturas infernais. «O homem que eu amava, que amava de tal maneira que não poderia amar mais — mesmo que eu própria o tivesse dado à luz —, transformava-se diante dos meus olhos... Num monstro...», diz a esposa de um liquidador a quem a radiação provocou uma estranha e desfiguradora forma de cancro.

Relatam o entusiasmo com que muitos cumpriram as ordens de trabalhar junto do reator, absorvendo radiação que os levaria a mortes hediondas, como alguns quiseram ficar nas suas casas, uns se mudaram para as zonas contaminadas, outros cumpriram com orgulho e inconsciência missões suicidas.

Contam como os nobres valores que tinham norteado as vidas de gerações no mundo soviético se revelavam de súbito falsos, ridículos, patéticos. O heroísmo no combate, a solidariedade com

o povo, o patriotismo, o sacrifício individual, agora misturados com o desapontamento, o medo, a solidão.

Antes, todos se sentiam parte de um grande projeto coletivo. A grande União Soviética, pátria do socialismo, dava sentido a todas as dificuldades. As pessoas nunca pensavam em si próprias, porque estava sempre em curso um grande empreendimento. Ou era a construção da sociedade sem classes, ou a Grande Guerra Patriótica, ou a grande batalha da industrialização.

Em Chernobyl, nos escombros da central nuclear, as pessoas viram pela primeira vez a sua realidade. «Dizemos sempre *nós* e não *eu*: “vamos demonstrar o heroísmo soviético”, “vamos mostrar o caráter soviético”. A todo o mundo! Mas isto sou *eu*! Eu não quero morrer... Eu tenho medo...» E é impossível ler este livro sem partilhar desse medo.

Com a sua multidão de vozes, Svetlana Alexievich fez entrar o mundo em Chernobyl. Um lugar de morte de onde não se pode fugir. Um mundo que arde e já não está sozinho. Nós estamos lá.

—
Paulo Moura
Repórter

«Somos ar, não somos terra...»

MERAB MAMARDASHVILI

INTRODUÇÃO HISTÓRICA

«Bielorrússia¹... Somos para o mundo uma terra incognita, uma terra desconhecida, inexplorada. “Rússia Branca” é como soa aproximadamente o nome do nosso país em inglês. Todos conhecem Chernobyl, mas apenas em relação com a Ucrânia e a Rússia. Ainda precisamos de contar sobre nós...»

Narodnaia Gazeta,
27 de abril de 1996

« No dia 26 de abril de 1986, passavam 58 segundos da 1.23, uma série de explosões destruiu o reator e o edifício que albergava o reator n.º 4 da Central Nuclear de Chernobyl. A catástrofe de Chernobyl tornou-se o maior desastre tecnológico do século xx.

Para um pequeno país como a Bielorrússia (população: 10 milhões de habitantes), foi uma tragédia nacional, ainda que os próprios Bielorrussos não tenham sequer uma central nuclear. Continua a ser um país agrário, com predomínio de uma população rural. Durante a Segunda Guerra Mundial, os nazis destruíram

¹ Após a desintegração da União Soviética, o governo bielorrusso decretou Belarus nome da nova república independente e pediu à comunidade internacional que a designação fosse alterada em todas as línguas do mundo. O texto original respeita esta diferença. Em português, contudo, a diferença não foi ainda consagrada, pelo que mantivemos *Bielorrússia* como designação do país e *Bielorrussos* como nome do povo. [Todas as notas são da tradutora.]

619 aldeias bielorrussas, juntamente com os seus habitantes. Em resultado de Chernobyl, o país perdeu 485 aldeias e povoações. Destas, 70 foram permanentemente soterradas. Durante a guerra, 1 em cada 4 bielorrussos foi morto; hoje em dia, 1 em cada 5 bielorrussos vive em terreno contaminado. São 2,1 milhões de pessoas, das quais 700 000 são crianças. Entre os fatores responsáveis pelo declínio demográfico, a radiação surge em primeiro lugar. Nas regiões de Gómel e Moguilev, as que mais sofreram com Chernobyl, as taxas de mortalidade ultrapassam as de natalidade em 20 por cento.

Em resultado do acidente, foram lançados para a atmosfera 50 milhões de curies de radionuclídeos, dos quais 70 por cento caíram sobre a Bielorrússia. Vinte e três por cento do seu território estão contaminados por radionuclídeos de cézio-137, com uma densidade de mais de 1 curie por km². Façamos a comparação: a Ucrânia tem 4,8 por cento do seu território contaminado, e a Rússia, 0,5 por cento. A superfície de solo arável com uma densidade de mais de 1 curie por km² é superior a 1,8 milhões de hectares; cerca de meio milhão de hectares foi contaminado com estrôncio-90, com uma densidade de mais de 0,3 curies por km². Duzentos e sessenta e quatro mil hectares foram retirados à economia agrícola. A Bielorrússia é uma terra de florestas. Mas 26 por cento de florestas e mais de metade de prados nas lezírias dos rios Prípiat, Dnepr e Soj consideram-se parte da zona de contaminação radioativa...

Em consequência do efeito permanente de doses baixas de radiação, todos os anos aumenta no país o número de doenças oncológicas, crianças com atrasos mentais, perturbações neurológicas e mutações genéticas...»

*Coletânea «Chernobyl», Belarускаia entsyklapedyia,
1996, pp. 7, 24, 49, 101, 149*

«Segundo dados das observações, no dia 29 de abril de 1986 registaram-se níveis elevados de radiação na Polónia, Alemanha,

Áustria e Roménia. A 30 de abril, na Suíça e no Norte de Itália. Nos dias 1 e 2 de maio, em França, na Bélgica e Holanda, no Reino Unido e no Norte da Grécia. A 3 de maio, em Israel, no Kuwait e na Turquia...

Lançadas a uma grande altura, espalharam-se substâncias gasosas e voláteis à escala global: no dia 2 de maio, foram registadas no Japão; no dia 4 de maio, na China; no dia 5 de maio, na Índia; nos dias 5 e 6 de maio, nos Estados Unidos e no Canadá.

Demorou menos de uma semana para que Chernobyl se tornasse um problema do mundo inteiro...»

*Coletânea «As Consequências do Acidente de Chernobyl na Bielorrússia»,
Minsk, Colégio Superior Internacional Sákharov de Radioecologia, 1992, p. 82*

«O quarto reator, conhecido como Abrigo, ainda alberga cerca de 200 toneladas de material nuclear nas suas entranhas de chumbo e cimento armado. Ninguém sabe o que se passa com ele hoje.

O sarcófago foi construído à pressa, é uma estrutura única, e os engenheiros projetistas de Leninegrado talvez pudessem sentir-se orgulhosos. Deveria durar trinta anos. Mas foi montado “à distância”, as placas foram unidas com a ajuda de robôs e de helicópteros, o que deu origem a fissuras. Hoje, de acordo com alguns dados, a área total de fissuras e fendas ultrapassa os 200 metros quadrados, e continuam a escapar-se através delas aerossóis radioativos. Se o vento sopra de norte, a sul aumenta a atividade das cinzas: urânio, plutônio, cézio. Além disso, num dia de sol, com as luzes apagadas na sala do reator, são visíveis feixes de luz que penetram de cima. Porque será? A chuva também entra dentro dele. Se a humidade atingir as massas que contêm combustível, a reação em cadeia torna-se possível.

O sarcófago é um defunto que respira. Respira morte. Quanto tempo ainda durará? Ninguém consegue responder a essa pergunta, uma vez que até agora é impossível chegar a muitos dos blocos e estruturas para nos inteirarmos da sua margem de segurança.

Mas toda a gente sabe: a destruição do Abrigo levaria a consequências ainda mais desastrosas do que em 1986...»

Revista Ogoniok, n.º 17, abril de 1996

«Antes de Chernobyl havia 82 casos de doenças oncológicas por cada 100 mil habitantes bielorrussos. Hoje, temos as seguintes estatísticas: 6 mil doentes por cada 100 mil. Um aumento de quase 74 vezes.

Nos últimos dez anos, a taxa de mortalidade aumentou 23,5 por cento. Apenas 1 pessoa em 14 morre de velhice, pois morrem principalmente as de 46–50 anos, ainda aptas para o trabalho. Nas áreas mais contaminadas, o exame médico revela que entre 10 pessoas se contam 7 doentes. Ao percorrermos as aldeias, ficamos impressionados pela área dos cemitérios, que cresceram...»

«Até agora, muitos números são desconhecidos... Ainda se mantêm em segredo, tão monstruosos são. A União Soviética enviou para o local do acidente 800 mil recrutas e liquidadores² chamados ao serviço; a idade média destes era de 33 anos. E os rapazes foram para a tropa logo depois da escola...

Só na Bielorrússia, da lista dos liquidadores constam 115 493 pessoas. Segundo os dados do Ministério da Saúde, entre 1990 e 2003, morreram 8553 liquidadores. Duas pessoas por dia...»

«A história começa assim...

Estávamos em 1986... Nas primeiras páginas dos jornais soviéticos e estrangeiros surgiam reportagens sobre o julgamento dos culpados da catástrofe de Chernobyl...

² Contingente de pessoas (bombeiros, militares e voluntários), que se estima em mais de seiscentas mil, responsável por gerir os efeitos imediatos do desastre nuclear de Chernobyl.

E agora... Imagine um prédio vazio de cinco andares. Sem moradores, mas com objetos, móveis, roupas que ninguém jamais poderá usar. Porque este prédio está em Chernobyl... Mas foi precisamente num prédio assim da cidade morta que os que iriam julgar os culpados pelo acidente nuclear deram uma pequena conferência de imprensa para jornalistas. Decidiu-se ao mais alto nível, no Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, que o caso deveria ser julgado no local do crime. Na própria Chernobyl. O julgamento decorreu no edifício da casa da cultura local. No banco dos réus há seis pessoas: o diretor da central nuclear Víktor Briukhánov, o engenheiro-chefe Nikolai Fomín, o engenheiro-chefe adjunto Anatoli Diátlov, o chefe de turno Boris Rogojkin, o chefe da sala do reator Aleksandr Kovalenko, o inspetor do Serviço de Supervisão Energética e Nuclear da União Soviética Yuri Laúchkin.

Os lugares do público estão vazios. Só estão presentes jornalistas. De resto, aqui já não há pessoas, a cidade foi “fechada”, enquanto “zona de controlo rigoroso da radiação”. Será por este motivo que foi escolhida como lugar do julgamento: quanto menos testemunhas, menos barulho? Não há operadores de televisão, não há jornalistas ocidentais. Claro que no banco dos réus todos queriam ver dezenas de funcionários responsáveis, incluindo os de Moscovo. A ciência moderna também devia assumir a sua responsabilidade. Mas ficou-se pelos “bodes expiatórios”.

O veredito... Víktor Briukhánov, Nikolai Fomín e Anatoli Diátlov foram condenados a 10 anos de prisão. Os restantes tiveram penas mais leves. Anatoli Diátlov e Yuri Laúchkin morreram na prisão, dos efeitos da exposição grave à radiação. O engenheiro-chefe Nikolai Fomín enlouqueceu... Mas o diretor da central Víktor Briukhánov cumpriu a totalidade da pena, os 10 anos. Foi recebido pelos familiares e uns quantos jornalistas. O acontecimento passou despercebido.

O ex-diretor vive em Kiev, é um simples funcionário de uma das empresas...

Assim termina a história...»

«Em breve a Ucrânia iniciará uma obra grandiosa. Por cima do sarcófago que cobriu em 1986 o quarto bloco destruído da central nuclear de Chernobyl, surgirá um novo abrigo chamado Arco. Nos próximos tempos, os 28 países doadores vão atribuir um investimento inicial cujo valor ultrapassa os 768 milhões de dólares. O novo abrigo deverá durar não trinta mas cem anos. E pretende-se muito mais grandioso, pois deverá ter volume suficiente para permitir a realização, no seu interior, dos trabalhos de reenterro dos resíduos nucleares. É precisa uma base sólida: na realidade, será necessário criar um solo artificial rochoso constituído por pilares e lajes de betão. Depois, preparar o depósito para o qual se vão levar os resíduos radioativos extraídos de baixo do antigo sarcófago. O novo abrigo será fabricado em aço de alta qualidade capaz de resistir à radiação gama. Só de metal, serão precisas 18 mil toneladas...

O Arco tornar-se-á uma estrutura sem precedentes na História da humanidade. Em primeiro lugar, impressiona a sua escala: é um invólucro duplo com 150 metros de altura. Vai apresentar uma estética comparável à da Torre Eiffel...»

*Segundo materiais dos jornais digitais bielorrussos,
2002–2005*

UMA SOLITÁRIA VOZ HUMANA

Não sei do que hei de falar... Da morte ou do amor? Ou serão eles a mesma coisa... De qual deles devo falar?

... Éramos recém-casados. Ainda andávamos de mãos dadas, mesmo que fosse para ir apenas à loja. Sempre juntos. Eu dizia-lhe: «Amo-te.» Mas nessa altura não sabia o quanto. Não fazia ideia... Vivíamos na residência coletiva do quartel de bombeiros onde ele trabalhava. No primeiro andar. Havia três jovens casais, partilhávamos todos a cozinha. Em baixo, no rés do chão, guardavam-se os veículos. Veículos vermelhos de combate ao fogo. Era esse o seu trabalho. Eu estava sempre a par da situação: onde ele se encontrava, o que lhe acontecia. Certa noite, ouvi um barulho. Gritos. Olhei pela janela lá para fora. Ele viu-me. «Fecha os postigos e vai-te deitar. Há um incêndio na central. Já volto.»

Não vi a explosão propriamente dita. Só as chamas. Tudo irradiava luz... Todo o céu... Uma chama alta. E fuligem. O calor era horrível. E ele, que não voltava. A fuligem vinha do betume queimado, o telhado era betumado. Mais tarde, disse-me que era como andar em cima de alcatrão. Eles fustigavam as chamas, mas elas iam reaparecendo. Subindo. Atiravam a grafite em chamas com os pés. Foram sem o equipamento de lona, só como estavam, em mangas de camisa. Ninguém os avisara, tinham sido chamados para um incêndio comum.

Quatro horas... Cinco... Seis... Às seis horas, tínhamos de ir a casa dos pais dele. Plantar batatas. São quarenta quilómetros de Prípiat¹

¹ Cidade a dois quilómetros da Central Nuclear de Chernobyl, construída para alojar os trabalhadores da central. Foi inteiramente evacuada e abandonada quando do acidente.

à aldeia de Sperijie, onde viviam os pais dele. Semear, arar... Ele adorava fazer isso... A mãe dele recordava com frequência que não queriam que ele se mudasse para a cidade, até lhe tinham construído uma casa nova. Foi para a tropa. Cumpriu serviço no corpo militar de bombeiros, em Moscovo, e quando saiu só queria ser bombeiro. Não admitia outra coisa! [Silêncio.]

Às vezes é como se ouvisse a voz dele... Viva... Nem as fotografias têm o mesmo efeito em mim que aquela voz. Mas ele nunca me chama. Nem em sonhos... Sou eu quem o chama...

Sete horas... Às sete disseram-me que ele estava no hospital. Corri até lá, mas a *milítsia*² já tinha rodeado o local e não deixava ninguém passar. Só ambulâncias. Os polícias gritavam: Não se aproximem das ambulâncias, a escala do contador já não chega para medir a radiação! Eu não era a única pessoa que ali estava; todas as mulheres cujos maridos estavam na central naquela noite tinham vindo. Comecei a procurar uma amiga, que era médica naquele hospital. Agarrei-a pela bata, quando ela saiu da ambulância: «Leva-me lá para dentro!» «Não posso. Ele está mal. Estão todos.» Não a larguei: «Só para o ver!» «Está bem», disse-me, «mas rápido! Só quinze ou vinte minutos.» Vi-o... Todo inchado, intumescido... Mal se conseguia ver-lhe os olhos... «Ele precisa de leite. Muito leite!», disse a minha amiga. «Deviam todos beber pelo menos três litros.» «Mas ele não gosta de leite.» «Agora, vai beber.» Muitos dos médicos e das enfermeiras naquele hospital, especialmente as auxiliares, ficariam doentes passado algum tempo. E morreriam. Mas nessa altura ninguém sabia disso.

Às dez da manhã, morreu Chichenók, o operador. Foi o primeiro. No primeiro dia... Ficámos a saber que deixaram outro debaixo dos escombros: Valera Khodemtchúk. Nunca conseguiram chegar até ele. Betonaram-no. E, nessa altura, ainda não sabíamos que todos eles seriam só os primeiros...

² Designação genérica da polícia na União Soviética.

Digo: «Vássenka, o que hei de fazer?» «Sai daqui! Vai! Terás o nosso filho.» Estou grávida. Mas como posso eu deixá-lo? Pede: «Vai-te embora! Salva o bebé!» «Primeiro tenho de te trazer leite, depois decidimos.»

A minha amiga Tânia Kibenók entra a correr... O marido dela está na mesma enfermaria. O pai está com ela, tem carro. Entramos e seguimos até à aldeia mais próxima para ir buscar leite, a cerca de três quilómetros da cidade... Compramos muitos frascos de leite de três litros... Seis, para que chegue para todos... Mas o leite fazia-os vomitar... Estavam sempre a desmaiar, administravam-lhes soro. Os médicos repetiam, não se sabe porquê, que eles tinham sido contaminados com gases, ninguém falou de radiação. E a cidade foi inundada de veículos militares, todas as estradas foram encerradas. Havia soldados por todo o lado. Os comboios urbanos deixaram de circular, e os outros também. Andavam a lavar as ruas com um pó branco qualquer...

Perguntava-me como iria para a aldeia no dia seguinte, para comprar mais leite fresco. Ninguém falava da radiação. Só o pessoal militar andava com respiradores... As pessoas na cidade traziam das lojas pão, cartuchos abertos com rebuçados. Os bolos estavam expostos nos tabuleiros... Como habitualmente. Só que... Andavam a lavar as ruas com um pó qualquer...

Não me deixaram entrar no hospital nessa noite. Havia um mar de gente à volta. Fiquei debaixo da janela dele, ele veio e gritou-me qualquer coisa. Com tanto desespero! Alguém na multidão o ouviu: eles iam ser levados para Moscovo nessa noite. As mulheres juntaram-se todas em grupo. Decidimos que iríamos todas com eles. Deixem-nos ir com os nossos maridos! Vocês não têm direito! Demos murros e arranhámo-los. Os soldados — já havia um cordão de duas filas — empurraram-nos para trás. O médico veio então cá fora e disse que sim, que iam viajar de avião para Moscovo, mas que nós tínhamos de lhes trazer roupas: as que eles tinham na central haviam ficado queimadas. Os autocarros já tinham deixado

de circular, e nós corremos por toda a cidade. Voltámos a correr com os sacos deles, mas o avião já tinha partido. Enganaram-nos. Para que não estivéssemos lá, aos gritos e a chorar.

É de noite... De um lado da rua há autocarros, centenas de autocarros — já estavam a preparar a cidade para ser evacuada —, e do outro, centenas de veículos de bombeiros. Vieram de toda a parte. Toda a rua coberta de uma espuma branca. E nós a caminhar sobre ela... A soltar pragas e a chorar.

Anúncio pela rádio: a cidade será evacuada por três a cinco dias, que levemos os nossos agasalhos e fatos de treino, vamos ficar a viver na floresta. Em tendas. As pessoas até ficaram contentes: uma excursão de campismo! Vamos celebrar lá o Primeiro de Maio. Para variar. As pessoas preparavam espetadas para churrasco, compravam vinho. Levaram consigo as violas, os gravadores. Só as mulheres com os maridos sinistrados choravam.

Não me lembro da viagem... É como se tivesse acordado quando vi a mãe dele: «Mamã, o Vássia está em Moscovo! Levaram-no num avião especial!» Mas acabámos de plantar a horta: batatas, couves (uma semana depois, a aldeia foi evacuada). Quem sabia? Quem sabia disso, nessa altura? Ao fim do dia comecei a vomitar. Estava grávida de seis meses. Sentia-me péssima... Nessa noite sonhei que ele me chamava, em vida chamava-me enquanto dormia: «Liússia! Liússenka!» Mas, depois de ele morrer, nunca mais me chamou em sonhos. Nem uma única vez... [*Começa a chorar.*] Levantei-me de manhã a pensar que tinha de ir para Moscovo sozinha... A sogra chora: «Aonde é que tu vais, assim como estás?» Também preparou a viagem do sogro: «Ele que te leve.» Levantaram da conta o dinheiro que tinham. O dinheiro todo.

Não me lembro da viagem... A viagem escapou-me novamente da memória... Em Moscovo, perguntámos ao primeiro polícia que encontrámos em que hospital estavam os bombeiros de Chernobyl, e ele disse-nos. Até fiquei surpreendida, porque nos assustavam: segredo de Estado, sigilo absoluto.

«No Hospital n.º 6. Metro Chtchúkinskaia...»

Era um hospital especial, vocacionado para radiologia, e não se podia entrar sem uma autorização. Dei algum dinheiro à porteira, e ela disse: «Vai.» Disse-me qual era o piso. Voltei a pedir a alguém, implorei... Estou por fim sentada no gabinete da chefe do serviço de radiologia, Angelina Vassílievna Guskova. Na altura não sabia como ela se chamava, não fixava nada. Só sabia que tinha de o ver. De o encontrar.

Perguntou-me de imediato: «Minha querida! Tens filhos?»

Como é que o hei de confessar? Já consigo perceber que tenho de esconder que estou grávida. Não me vai deixar vê-lo! Ainda bem que sou magra, não se nota nada.

«Sim», digo.

«Quantos?»

Penso: *Tenho de lhe dizer que dois. Se for só um, não me deixa entrar.*

«Um rapaz e uma rapariga.»

«Então talvez não vás ter mais. Agora ouve: lesão total do sistema nervoso central, lesão total da medula óssea...»

Paciência, penso, vai ficar um pouco nervoso.

«E ouve: se começares a chorar, expulso-te logo daqui. Nada de abraços nem beijos. Nem sequer te chegues a ele. Tens meia hora.»

Mas eu já sabia que não me ia embora. Só me vou embora com ele. Jurei a mim mesma!

Entro... Eles estão sentados na cama, a jogar às cartas e a rir-se.

«Vássia!», chamam por ele.

Ele volta-se: «Eh pá, estou tramado! Até aqui ela me encontrou!»

Está com um ar engraçado, com um pijama 48, quando veste 52. Mangas curtas, calças curtas. Mas já não tem a cara inchada... Fizeram-lhes a infusão de uma solução qualquer...

«Onde é que te tinhas metido?», pergunto.

Ele quer-me abraçar.

«Fique aí.» O médico não o deixa aproximar-se de mim. «Nada de abraços aqui.»

Fizemos disto uma piada, não sei como. E depois apareceu toda a gente, e das outras enfermarias também. Todos dos nossos. De Prípiat. Tinham chegado vinte e oito pessoas no avião. O que é que se passa lá? Como estão as coisas na cidade? Respondo-lhes que começou a evacuação, a cidade toda vai despovoar-se durante três ou cinco dias. Os rapazes ficam calados... Estavam lá mais duas mulheres, uma delas estava de serviço no posto de controlo à entrada, no dia do acidente, e começa a chorar.

«Oh, meu Deus! Os meus filhos estão lá. O que é que vai ser deles?»

Eu queria estar sozinha com ele, nem que fosse por um minuto. O pessoal apercebeu-se disso, cada um deles pensou numa desculpa e foram todos para o corredor. Então, abracei-o e beijei-o. Ele afastou-se.

«Não te sentes perto de mim. Pega numa cadeira.»

«Que disparate.» Fiz um gesto de desprezo. «Viste o local da explosão? O que é que está lá? Vocês foram os primeiros a chegar lá...»

«É capaz de ter sido sabotagem. Alguém fez aquilo intencionalmente. Toda a malta é dessa opinião.»

Era o que as pessoas diziam, nessa altura. O que pensavam.

Quando voltei no dia seguinte, já estavam sozinhos, cada um no quarto individual. Ficaram categoricamente proibidos de ir até ao corredor. De falar uns com os outros. Batiam na parede com os nós dos dedos; traço-ponto, traço-ponto... Ponto... Os médicos explicaram que cada organismo reage de forma diferente às doses de radiação, e o que uma pessoa consegue suportar pode estar acima das forças de outra pessoa. Lá onde eles estavam, até as paredes ficaram fortemente radioativas. À direita, à esquerda e no andar de baixo... Retiraram todas as pessoas, nem um doente ficou... No andar de baixo e no andar de cima não ficou ninguém.

Durante três dias, fiquei na casa de amigos em Moscovo. Estavam sempre a dizer: Leva a panela, leva o prato, leva aquilo de que precisares, não te acanhes. Eram pessoas verdadeiramente excepcionais... Mesmo! Fazia caldo de peru para seis. Para seis dos nossos rapazes...

Bombeiros... Do mesmo turno... Estavam todos de serviço nessa noite: Vachtchúk, Kibenók, Titenók, Právik, Tichtchura. Numa loja comprei-lhes pasta de dentes, escovas e sabonete. Não havia nada disso no hospital. Comprei-lhes umas toalhas pequenas... Ao olhar para trás, fico surpreendida com os meus amigos: tinham medo, claro. Como podiam não ter? Já corriam rumores, mas mesmo assim eles próprios ofereciam: Leva o que precisares. Leva! Como é que ele está? Como é que estão todos eles? Vão sobreviver? Sobreviver... [*Fica em silêncio.*] Encontrei muitas pessoas boas nessa altura, não me lembro de todas... O mundo reduziu-se a um único ponto. Ele... Só ele... Lembro-me de uma auxiliar hospitalar já idosa, que me ensinava: «Há doenças que não podem ser curadas. Há que estar ao lado do doente e acariciar-lhe as mãos.»

De manhã cedo, vou ao mercado e depois sigo para casa dos meus amigos, onde faço o caldo. Tenho de passar e picar tudo, dividir em doses. Alguém me pediu: «Traz-me uma maçã.» Com seis frascos de meio litro... Sempre para seis! Corro para o hospital... Fico lá até anoitecer. À noite regresso, atravessando a cidade. Quanto tempo mais teria eu aguentado aquilo? Três dias depois, disseram-me que podia viver na residência do pessoal médico, que fica no território do próprio hospital. Meu Deus, que alegria!

«Mas não há cozinha. Como é que eu vou cozinhar para eles?»

«Já não precisa de cozinhar. Os seus estômagos deixam de digerir a comida.»

Ele começou a mudar: a cada dia, deparava com uma pessoa diferente... As queimaduras começaram a vir à superfície. Na boca, na língua, nas faces surgiram no início lesões muito pequenas, que depois cresceram. As mucosas caíam em camadas, em películas brancas. A cor do seu rosto... A cor do seu corpo... Azul... Vermelho... Cinzento-acastanhado. E tudo aquilo era tão meu, tão querido! É impossível contá-lo! É impossível escrevê-lo! E até vivê-lo... A única coisa que me salvou foi que tudo aconteceu tão depressa, que não houve tempo para pensar, não houve tempo para chorar.

Eu amava-o! Ainda não fazia ideia do quanto! Tínhamo-nos casado há pouco tempo, ainda não podíamos passar um sem o outro... Caminhamos rua abaixo. Ele levanta-me e rodopia comigo nos braços. E beija-me, beija-me. As pessoas passam por nós, todas sorriem.

Catorze dias é quanto dura a evolução da síndrome aguda da radiação... Em catorze dias uma pessoa morre...

No primeiro dia em que fiquei na residência, mediram-me com um dosímetro. A roupa, a mala, a carteira, os sapatos: estava tudo «a luzir». E tiraram-me tudo ali mesmo. Até a roupa interior. Só me deixaram ficar com o dinheiro. Em troca, deram-me um roupão de hospital (tamanho 56 em vez do meu 44) e uns chinelos 43 em vez do meu 37. A roupa, disseram-me, talvez me fosse devolvida, talvez não, pois era pouco provável que ela cedesse à «limpeza». Era assim que eu estava quando o vim visitar. Assustou-se. «Caramba! O que é que se passa contigo?» Mesmo assim, eu encontrava maneira de fazer o caldo. Punha o aparelho para ferver água num frasco de vidro... Atirava lá para dentro pedacinhos de frango... Pequeninos, pequeninos... Depois alguém me deu a sua panela, acho que foi a senhora da limpeza ou a rececionista da residência. Mais alguém, uma pequena tábua onde eu picava a salsa fresca. Eu própria não podia ir ao mercado com o meu roupão do hospital, alguém ma trazia. Mas era tudo inútil, ele nem sequer conseguia beber nada... engolir um ovo cru... Eu é que queria arranjar qualquer coisa saborosa! Como se isso pudesse ajudar. Corri para os correios. «Meninas», peço, «preciso de telefonar imediatamente para os meus pais, em Ivano-Frankovsk. O meu marido está a morrer aqui.» Não sei porquê, mas adivinharam logo de onde eu era e quem era o meu marido, e fizeram a ligação num instante. O meu pai, a minha irmã e o meu irmão viajaram de avião, nesse mesmo dia, para Moscovo. Trouxeram-me as minhas coisas. E dinheiro.

Estávamos a 9 de maio... Ele dizia-me sempre: «Não fazes ideia como Moscovo está bonita! Sobretudo no Dia da Vitória, quando há

fogo de artifício. Quero que vejas.» Estou sentada com ele no quarto, ele abre os olhos.

«É de dia ou de noite?»

«São nove da noite.»

«Abre a janela! O fogo de artifício vai começar!»

Abri a janela. Estamos no oitavo andar, toda a cidade está diante de nós! Um *bouquet* de luzes ascendeu ao céu.

«Olha para aquilo!», disse eu.

«Prometi que te ia mostrar Moscovo. Prometi que te ia dar sempre flores nos feriados...»

Voltei-me e vi-o tirar três cravos de baixo da almofada. Tinha dado dinheiro à enfermeira, e ela comprara-os.

Corro para ele e beijo-o.

«Meu amor! Meu mais que tudo!»

Ele começa a resmungar.

«O que é que os médicos te disseram? Nada de abraços comigo. E nada de beijos!»

Não me deixavam abraçá-lo. Acariciá-lo... Mas eu... eu levantava-o e sentava-o na cama. Mudava a roupa da cama, punha-lhe o termómetro, trazia e levava a arrastadeira... Limpava. Passava toda a noite ao lado dele. Vigia cada movimento. Cada suspiro.

Ainda bem que aconteceu no corredor e não no quarto... A cabeça começou-me a andar à roda, agarrei-me ao peitoril da janela... Um médico passava por ali, segurou-me pelo braço. E de repente, a pergunta: «Está grávida?»

«Não, não!» Tive tanto medo que alguém nos ouvisse.

«Não me minta», suspirou ele.

No dia seguinte, sou chamada ao gabinete da diretora do serviço.

«Porque é que me mentiu?», perguntou-me com severidade.

«Não havia outra solução. Se lhe tivesse dito, mandava-me para casa. Foi uma mentira piedosa!»

«O que é que foi fazer?»

«Mas eu estava com ele...»

«Minha querida! Minha querida...»

Ficarei toda a vida grata a Angelina Vassílievna Guskova. Toda a vida!

Houve outras esposas que vieram, mas não foram autorizadas a entrar. As mães delas estiveram comigo: foram autorizadas... A mãe de Volódia Právik estava sempre a suplicar a Deus: «Leva-me antes a mim.»

Um professor americano, o Dr. Gale... Foi ele quem fez o transplante de medula óssea... Reconfortava-me: «Há uma leve esperança, não muita, mas há. Um corpo tão rijo, um rapaz tão forte!» Chamaram todos os parentes dele. As duas irmãs vieram da Bielorrússia, o irmão, de Leninegrado, onde prestava serviço militar. A mais nova, Natacha, que tinha catorze anos, estava muito assustada e chorava muito. Mas a medula óssea dela era a mais compatível... [Silêncio.] Agora já posso falar disto... Dantes, não podia. Fiquei calada durante dez anos. Dez anos... [Silêncio.]

Quando descobriu que iriam extrair medula óssea da irmãzinha mais nova, recusou-se terminantemente. «Preferia morrer. Não lhe toquem, ela é pequena.» A irmã mais velha, Liúda, tinha vinte e oito anos, e era, ela própria, enfermeira, sabia em que é que se estava a meter. «Desde que ele sobreviva», dizia ela. Eu vi a operação. Estavam deitados um ao lado do outro nas marquesas... Havia uma grande janela que dava para a sala de operações. Demorou duas horas... Quando acabaram, Liúda estava pior do que ele, tinha dezoito perfurações no peito, recuperou com dificuldade dos efeitos da anestesia. Agora é doente, tem invalidez... Era uma rapariga forte e bonita. Nunca se casou. Eu andava, pois, a correr de quarto em quarto, do quarto dele para o dela. Ele já não estava num quarto normal, estava numa câmara hiperbárica especial, por trás de uma cortina transparente, aonde não era permitido entrar. Havia lá dispositivos especiais para lhe poderem dar injeções ou pôr o cateter, sem atravessar a cortina... As cortinas estavam unidas por velcros e fechos, e aprendi a usá-las... Afastava a cortina com cuidado e ia ter com ele...

Acabaram por me pôr uma cadeirinha junto à cama dele. Ele ficou tão mal, que eu já não o podia deixar nem por um minuto que fosse. Chamava constantemente por mim: «Liússia, onde é que estás? Liússenska!» Chamava e chamava... As outras câmaras, onde se encontravam os nossos rapazes, estavam ao cuidado de soldados, porque as auxiliares de serviço se recusavam e exigiam roupa de proteção. Os soldados é que transportavam os tanques sanitários. Limpavam o chão, mudavam a roupa de cama... Faziam tudo. Onde apareceram aqueles soldados? Não perguntei... Só ele... Ele... Todos os dias ouvia: morreu, morreu... O Tichtchura morreu. O Titenók morreu. Morreu... Era como uma marreta na minha cabeça...

Ele defecava vinte e cinco a trinta vezes por dia. Com sangue e muco. A pele dos braços e das pernas começou a estalar. O corpo ficou todo coberto de bolhas. Quando virava a cabeça, ficavam madeixas de cabelo na almofada... Tudo tão querido. Amado... Eu tentava brincar: «Até dá jeito, não precisas de pente.» Em breve, cortaram o cabelo a todos. A ele, fui eu própria que o fiz. Queria ser eu a fazer tudo por ele. Se tivesse sido fisicamente possível, tinha ficado com ele vinte e quatro horas por dia. Dava-me pena desperdiçar um único minuto... Não queria perder nem um minutinho... [*Tapa o rosto com as mãos e fica calada.*] Veio o meu irmão e assustou-se: «Não te deixo entrar ali!» E o meu pai diz-lhe: «Achas que consegues impedi-la? Ela até ia pela janela! Pela escada de incêndio!»

Ausentei-me... Volto — está uma laranja na sua mesa de cabeceira. Uma grande laranja, não amarela, mas cor de rosa. Ele sorri: «Ofereceram-ma. Leva-a.» Entretanto, a enfermeira faz gestos através do biombo, a dizer que não posso comer aquela laranja. Esteve perto dele durante algum tempo, portanto, não só não se deve comê-la, como nem se deve tocar-lhe. «Vá lá, come-a», pede ele. «Tu gostas de laranjas.» Pego na laranja. Entretanto, ele fecha os olhos e adormece. Estavam sempre a dar-lhe injeções para o pôr a dormir. Narcóticos. A enfermeira olha para mim, horrorizada... E eu? Eu estou disposta a fazer seja o que for para que ele não pense na morte... E no facto de

a morte dele ser horrível, de eu ter medo dele... Fragmento de uma conversa qualquer... Alguém me exorta: «Não pode esquecer que diante de si já não está o seu marido, já não está a pessoa amada, mas um objeto radioativo com uma elevada densidade de contaminação. A senhora não é suicida. Controle-se.» E eu, como alguém que tivesse perdido o juízo: «Mas eu amo-o! Amo-o!» Ele dormia, e eu sussurrava: «Amo-te!» A andar pelo pátio do hospital: «Amo-te.» A transportar a arrastadeira: «Amo-te.» Lembrava-me de como vivíamos antes. Na nossa habitação coletiva... À noite, ele só adormecia depois de me pegar na mão. Era um hábito dele: segurar-me na mão enquanto dormia. Toda a noite.

No hospital, sou eu quem lhe pega na mão e não a larga.

Noite. Silêncio. Estamos sozinhos. Ele olhou para mim fixamente e, de repente, disse:

«Quero tanto ver o nosso filho. Como é que ele é?»

«Que nome lhe vamos dar?»

«Tu é que decides isso.»

«Porquê eu, se somos dois?»

«Nesse caso, se for rapaz, que seja Vássia, se for rapariga, Natacha.»

«Porquê Vássia? Já tenho um Vássia. Tu! Não preciso de outro.»

Ainda não fazia ideia de como o amava! Ele... Só ele... Como uma cega! Nem conseguia sentir o leve bater debaixo do meu coração. Embora estivesse de seis meses... Pensava que a minha pequenina estava dentro de mim, que estava protegida. Minha pequenina...

Que eu passava a noite com ele na câmara hiperbárica, nenhum dos médicos sabia. Não adivinhava. As enfermeiras deixavam-me entrar. No início também insistiam comigo: «Tu és jovem. Que ideia é essa? Ele já não é uma pessoa, é um reator. Vocês vão mas é arder os dois.» Eu parecia um cãozinho, a correr atrás delas... Punha-me horas à porta, a suplicar e implorar. E então elas diziam: «Está bem, vai! És uma anormal!» De manhã, mesmo antes das oito, quando os médicos iniciavam as suas rondas, elas mostravam através de gestos

do outro lado do biombo: «Corra!» Então eu ia para a residência por uma hora. Depois, das nove da manhã às nove da noite, tinha autorização para entrar. Tinha as pernas azuis e inchadas, do joelho para baixo, tal era o meu cansaço. A minha alma era mais forte do que o corpo. O meu amor...

Enquanto eu estava com ele... não o faziam... Mas quando eu saía, tiravam-lhe fotografias. Sem roupa. Nu. Só com um lençol fininho por cima. Eu mudava aquele lençolzinho todos os dias, e todos os dias ao fim da tarde ele estava coberto de sangue. Levanto-o e fico com pedaços da sua pele nas mãos, colam-se-me às mãos. Peço-lhe: «Ajuda-me, amor! Apoia-te no braço, no cotovelo, tanto quanto possas, para eu te alisar a roupa da cama, não deixar nem uma costura, nem a mais pequena dobra.» A menor costura era já uma ferida para ele. Cortava as minhas unhas rentes até fazer sangue, para não o magoar por acidente. Nenhuma das enfermeiras se decidia a aproximar-se dele, a tocar-lhe, se precisassem de alguma coisa chamavam-me a mim. E eles... Eles tiravam-lhe fotografias... Para fins científicos, diziam. Eu só queria empurrá-los dali para fora! Gritar-lhes e bater-lhes! Como é que se atreviam? Se eu pudesse não deixá-los entrar... Se...

Saio do quarto para o corredor... E bato na parede, no sofá, porque não vejo nada. Digo à enfermeira de serviço: «Ele está a morrer.» Responde-me: «O que é que esperavas? Apanhou mil e seiscientos roentgens, quatrocentos já é uma dose letal.» Ela também tem pena, mas de modo diferente. Mas ele é todo meu... Querido...

Quando eles morreram todos, fizeram obras no hospital... Rasparam as paredes, arrancaram o parkê e levaram tudo... As madeiras também.

E depois — uma última coisa... Lembro-me disto por clarões. Tudo a sumir-se...

Passei a noite sentada na minha cadeirinha ao lado dele... Às oito da manhã, digo: «Vássenka, vou andando. Preciso de descansar um pouco.» Ele abre e fecha os olhos — deixa-me ir. Mal chego à residência, subo ao meu quarto, deito-me no chão — não me conseguia deitar na

cama, doía-me tanto o corpo todo — quando a auxiliar bate à porta: «Vai! Corre para ele! Não para de chamar por ti!» Nessa manhã, Tânia Kibenók suplicava: «Anda comigo ao cemitério. Sem ti não serei capaz.» Naquela manhã iam enterrar Vítia Kibenók e Volódia Právik. Eram amigos do meu Vássia, as nossas famílias eram amigas. Há uma fotografia de todos nós no edifício um dia antes da explosão. Os nossos maridos estão tão bonitos! E alegres! Foi o último dia daquela nossa vida. Antes de Chernobyl... Éramos todos tão felizes!

Voltei do cemitério, telefonei de imediato ao posto da enfermeira: «Como é que ele está?» «Morreu há quinze minutos.» O quê? Estive toda a noite com ele. Ausentei-me apenas por três horas! Fiquei parada à janela, a gritar: «Porquê? Porquê?» Olhava para o céu e berrava... Ouvia-se na residência toda... Tinham medo de se aproximar de mim... Voltei a mim: vou vê-lo uma última vez! Vou vê-lo! Disparei escadas abaixo... Ele estava na sua câmara hiperbárica, ainda não o tinham tirado de lá. As suas últimas palavras foram: «Liússia! Liússenska!» «Ela só saiu por um bocadinho, vem já», sossegou-o a enfermeira. Ele suspirou e ficou em silêncio.

Já não me separei dele... Acompanhei-o até ao caixão... Embora me lembre não do caixão em si, mas de um grande saco de plástico... Aquele saco... Na morgue perguntaram: «Quer ver como é que o vestimos?» Quero! Vestiram-no com uniforme de gala, puseram o quepe no peito. Não encontraram calçado para ele, porque as pernas tinham inchado. Tinha bombas em vez de pernas. Também tiveram de cortar o uniforme, porque não o conseguiram vestir, já não havia um corpo inteiro. Todo ele — uma ferida em sangue. Nos últimos dois dias no hospital... Levanto-lhe o braço e o osso abana, dança, o tecido corporal desprende-se dele. Pedacinhos dos pulmões e do fígado saíam-lhe pela boca... Ele engasgava-se com as próprias vísceras... Eu embrulhava a mão numa gaze e metia-lha na boca, tirava aquilo tudo... É impossível contá-lo! É impossível escrevê-lo! E mesmo viver... Tudo nele era tão amado... Tão amado... Não havia calçado que se lhe pudesse enfiar. Puseram-no descalço no caixão.

Diante dos meus olhos... Meteram-no com o seu uniforme de gala num saco de celofane e ataram-no. E depois puseram o saco no caixão de madeira. E amarraram o caixão com outro saco. O celofane era transparente mas espesso, como um oleado. E, finalmente, puseram tudo isto num caixão de zinco, à força. Só ficou em cima o quepe.

Veio toda a gente... Os pais dele, os meus pais... Comprámos lenços pretos em Moscovo. Fomos recebidos pela Comissão Extraordinária. Disseram a todos nós a mesma coisa: É-nos impossível dar-vos os corpos dos vossos maridos, dos vossos filhos, estão em estado muito radioativo e vão ser enterrados num cemitério de Moscovo, de forma especial. Em urnas de zinco seladas, debaixo de lajes de cimento. E vocês têm de assinar este documento. É preciso o vosso consentimento. Se alguém se indignava e queria levar o caixão de volta para a terra natal, diziam-lhe que os mortos, como bem viam, eram agora heróis e já não pertenciam às suas famílias. Já eram figuras do Estado... Pertenciam ao Estado.

Sentámo-nos no carro funerário... Os familiares e uns militares desconhecidos. Um coronel com rádio... Transmitem pela rádio: «Aguardem as nossas ordens! Aguardem!» Andámos por Moscovo duas ou três horas, pela estrada circular. Regressamos de novo a Moscovo... O aparelho de rádio: «Não autorizamos a entrada no cemitério. Os correspondentes estrangeiros estão a assaltar o cemitério. Aguardem mais um pouco.» Os pais estão calados... O lenço da minha mãe é preto... Sinto que estou prestes a perder os sentidos. Entro em histeria: «Porque é preciso esconder o meu marido? Ele é... o quê? Um assassino? Um criminoso? Um delinquente? Quem é que estamos a enterrar?» A minha mãe: «Acalma-te, acalma-te, filhinha.» Faz-me festas na cabeça, segura-me na mão. O coronel transmite: «Peço autorização para seguir para o cemitério. A mulher está a ficar histérica.» No cemitério fomos rodeados por soldados. Íamos sob escolta. O caixão também ia sob escolta. Ninguém foi autorizado a entrar para se despedir... Apenas familiares... Enterraram num instante. «Rápido! Rápido!», ordenava o oficial. Nem sequer deixaram abraçar o caixão.

E de imediato — para os autocarros...

Compraram e trouxeram-nos logo bilhetes de avião para voltarmos para casa... No dia seguinte... Todo este tempo, estive connosco uma pessoa vestida à civil, mas com aparência de militar. Nem sequer nos deixou sair do quarto para comprarmos comida para a viagem. Deus nos livre de falar com alguém — sobretudo eu. Como se eu fosse capaz de falar naquela altura, nem sequer era capaz de chorar. Quando nos íamos embora, a funcionária de serviço contou todas as toalhas, todos os lençóis... Pô-los imediatamente num saco de polietileno. Provavelmente queimaram-nos... Fomos nós próprias a pagar pelo alojamento. Por catorze dias...

Catorze dias é quanto dura a evolução da síndrome aguda da radiação. Em catorze dias uma pessoa morre...

Em casa, adormeci. Entrei no quarto e caí na cama. Dormi durante três dias. Não me conseguiam acordar. Veio uma ambulância. «Não», disse o médico, «ela não morreu. Ela vai acordar. É um sono terrível.»

Eu tinha vinte e três anos...

Lembro-me do que sonhei... A minha avó morta surge-me vestida com a roupa com que a enterrámos. Está a decorar a árvore de Ano Novo. «Avó, porque é que temos uma árvore de Ano Novo? Estamos no verão.» «Porque o teu Vássenka vai em breve juntar-se a mim.» Ele tinha crescido na floresta. O segundo sonho: Vássia vem de branco e chama por Natacha. A nossa menina, que ainda não tive. Já é crescida, fico admirada com o quanto ela cresceu. Ele atira-a ao ar, eles riem-se... Estou a vê-los e a pensar que a felicidade é uma coisa tão simples. Tão simples! Depois sonhei... Caminhamos juntos na água. Andamos e andamos... Ele talvez me tenha pedido para não chorar. Fez-me um sinal de lá. De cima.

[Fica em silêncio por muito tempo.]

Dois meses depois, fui a Moscovo. Da estação de comboio diretamente para o cemitério. Até ele! E no cemitério começo a entrar em trabalho de parto. Mal comecei a falar com ele... Chamaram a ambulância. Dei o endereço. Dei à luz no mesmo sítio... O da mesma

Angelina Vassílievna Guskova. Já naquela altura ela me tinha avisado: «Vem aqui ter a criança.» Aonde é que eu podia ir no estado em que estava? Dei à luz duas semanas antes do tempo previsto...

Mostraram-me... Uma menina... «Natáchenka», chamei. «O teu papá deu-te o nome de Natacha.» Ela parecia saudável. Bracitos, perninhas... Mas sofria de cirrose hepática... No fígado — vinte e oito roentgenes... Doença cardíaca congénita... Quatro horas depois, disseram-me que ela tinha morrido. E uma vez mais... não lha vamos dar! Como é que não ma vão dar? Eu é que não vos dou a menina! Querem levá-la para a ciência. Mas eu detesto a vossa ciência! Odeio-a! Levou-me primeiro o marido e agora quer mais... Não dou! Eu própria a vou enterrar. Ao pé dele... *[Passa para um sussurro.]*

Estou a dizer-lhe palavras erradas... Inadequadas... Desde que tive um enfarte que não posso gritar. Nem chorar. Mas eu quero... Quero que saibam... Ainda não confessei a ninguém. Quando não lhes dei a minha pequenina. A nossa menina... Então eles trouxeram-me uma caixinha de madeira e disseram: «Ela está aí.» Olhei: enfaixaram-na. Jazia em fraldinhas. Desatei a chorar: «Ponham-na aos pés dele. Digam que é a nossa Natáchenka.»

Lá, no túmulo, não está escrito: Natacha Ignatenko... Só está o nome dele... Ela ainda não tinha nome, não tinha nada... Só uma alma... Foi lá que enterrei a alma... Vou lá sempre com dois ramos: um para ele e outro que ponho a um canto, para ela. Rastejo à volta da sepultura, de joelhos. Sempre de joelhos... *[Fala sem nexo.]* Matei-a... Eu... ela... salvou... A minha menina salvou-me, recebeu todo o choque radioativo, foi como um para-raios. Minha bebezinha. Tão pequenina. *[Respira com dificuldade.]* Ela salvou-me... Mas eu amava-os aos dois. Porque... Porque não se pode matar com amor, pois não? Com tamanho amor! Porque é que estas coisas andam a par? Amor e morte. Estão sempre juntas. Quem me vai explicar isto? Rastejo à volta da sepultura de joelhos... *[Longo silêncio.]*

Em Kiev, deram-me um apartamento. Num grande edifício, onde agora vivem todos os que abandonaram a central atómica.

É um apartamento grande, de duas assoalhadas, como eu e o Vássia tínhamos sonhado. E eu enlouquecia nele! Em cada canto, olhe para onde olhar, está ele. Os seus olhos... Comecei com umas obras, só para não estar sentada, só para esquecer. Assim se passaram dois anos... Vejo um sonho... Estamos a caminhar juntos, e ele vai descalço. «Porque estás sempre descalço?» «Porque não tenho nada.» Fui à igreja... O padre ensinou-me: «É preciso comprar sapatilhas de tamanho grande e pô-las no caixão de alguém. Escrever num bilhete que são para ele.» Assim fiz. Cheguei a Moscovo e fui logo a uma igreja. Em Moscovo estou mais perto dele... Ele está lá, no cemitério de Mítino... Conteí ao padre de lá a minha situação, que precisava de entregar as sapatilhas. Ele pergunta: «Mas tu sabes como se deve proceder?» Explicou-me mais uma vez... Acabava de entrar o caixão com um velhote para a missa de corpo presente. Aproximo-me do caixão, levanto a cobertura e ponho lá dentro as sapatilhas. «Escreveste o bilhete?» «Sim, escrevi, mas não indiquei em que cemitério está enterrado.» «Ali, todos eles estão no mesmo mundo. Hão de encontrá-lo.»

Eu não tinha nenhuma vontade de viver. De noite, fico à janela, a olhar para o céu. «Vássenka, o que hei de fazer? Não quero viver sem ti.» De dia, passo por um infantário, detenho-me e fico parada... Não me cansava de olhar para as crianças... Estava a enlouquecer! E de noite comecei a pedir: «Vássenka, quero ter um filho. Já tenho medo de estar sozinha. Não aguento mais. Vássenka!!» Noutra ocasião, peço assim: «Vássenka, não preciso de um homem. Para mim, não há ninguém melhor do que tu. Quero é um filhinho.»

Tinha vinte e cinco anos...

Acabei por encontrar um homem... Conteí-lhe tudo... Toda a verdade: tenho um amor, para toda a vida. Revelei-lhe tudo... Saíamos, mas nunca o convidei para minha casa, não fui capaz. Ali está o Vássia...

Trabalhava como pasteleira. Estou a fazer um bolo, e as lágrimas rolam. Não estou a chorar, mas as lágrimas rolam. A única coisa

que pedia às colegas: «Não tenham pena de mim. Se o fizerem, vou-me embora.» Não é preciso ter pena de mim... Já fui feliz... Trouxeram-me a condecoração do Vássia. De cor vermelha... Durante muito tempo nem podia olhar para ela. As lágrimas rolavam-me...

Dei à luz um rapaz. Andrei... Andreika... As minhas amigas tentaram dissuadir-me. «Não podes ter um bebé.» E os médicos a assustarem-me: «O seu organismo não vai resistir.» Depois... Depois disseram-me que ele não teria um bracinho... O bracinho direito... O aparelho mostrava-o... *Ora, e então?*, pensei. *Ensino-o a escrever com a mão esquerda.* Mas ele saiu perfeito... Um menino lindo... Já anda na escola e tem boas notas. Agora tenho alguém por quem posso viver e respirar. É a luz da minha vida. E entende tudo na perfeição: «Mamã, se eu for visitar a avó durante dois dias, vais conseguir respirar?» Não, não vou! Temo separar-me dele por um dia sequer. Caminhávamos na rua... E eu senti-me cair... Foi quando tive o meu primeiro enfarte... Ali, na rua... «Mamã, precisas de água?» «Não, fica só ao meu lado, aqui. Não vás a lado nenhum.» E agarrei-me ao braço dele. Não me lembro do que aconteceu a seguir... Voltei a mim no hospital... Mas agarrei-lhe no braço com tanta força, que os médicos mal descerraram os meus dedos. O braço dele ficou azul durante muito tempo. Agora, quando saímos de casa: «Mamã, não te agarres ao meu braço. Não te vou deixar.» Ele também é doente: passa duas semanas na escola, duas semanas em casa vigiado pelo médico. É assim que vivemos. A temer um pelo outro. E em cada canto — Vássia... As suas fotos... De noite converso longamente com ele... Às vezes, pede-me no sonho: «Mostra-me o nosso miúdo.» Eu e o Andreika aparecemos... E ele traz pela mão a filha. Sempre com a filha. Brinca só com ela...

É assim que vivo... No mundo real e irreál ao mesmo tempo... Não sei em qual deles me sinto melhor... [*Levanta-se. Vai até à janela.*] Há muitos de nós aqui. Uma rua inteira, chamam-na assim mesmo: Chernóbylskaia. Estas pessoas trabalharam toda a vida na central. Muitas delas ainda vão para lá trabalhar, a central agora opera num

sistema rotativo. Já ninguém vive naquele lugar, nunca vai viver. Têm doenças graves, diferentes graus de invalidez, mas não largam os empregos, têm medo sequer de pensar nisso. Não têm como viver sem o reator, a sua vida é o reator. Onde e quem precisará deles nou- tro lugar, agora? Morrem com frequência. Num instante. Morrem a andar: alguém caminha e cai, adormece e não acorda, leva flores à sua enfermeira e o coração para-lhe. Está numa paragem de autocarro... As pessoas morrem, mas ninguém realmente lhes perguntou nada. Ninguém nos perguntou pelo que passámos. O que vimos... Ninguém quer ouvir falar da morte. Do que é assustador...

Mas eu falei-lhe do amor... Do quanto amei...

*Liudmila Ignatenko,
mulher do falecido bombeiro Vassili Ignatenko*

A 26 de abril de 1986, Chernobyl foi palco do pior desastre nuclear de sempre. As autoridades soviéticas esconderam a gravidade dos factos da população e da comunidade internacional, e tentaram controlar os danos enviando milhares de homens mal equipados e impreparados para o vórtice radioativo em que se transformara a região. O acidente acabou por contaminar quase três quartos da Europa. Nesta sua obra famosa e perturbadora, vencedora do prestigiado National Book Critics Circle Award, em 2005, Svetlana Alexievich dá voz a centenas de pessoas que viveram a tragédia: desde cidadãos comuns, bombeiros e médicos, que sentiram na pele as violentas consequências do desastre, até às forças do regime soviético que tentaram esconder o ocorrido. Os testemunhos, resultantes de mais de quinhentas entrevistas realizadas pela autora, são apresentados através de monólogos tecidos entre si com notável sensibilidade, apesar da disparidade e dos fortes contrastes que separam estas vozes.

«Com a sua multidão de vozes, Svetlana Alexievich fez entrar o mundo em Chernobyl. Um lugar de morte de onde não se pode fugir. Um mundo que arde e já não está sozinho. Nós estamos lá.»

Prefácio de Paulo Moura

«Em Chernobyl, Svetlana Alexievich viu o horror invisível e fez dele um *requiem* genial.»

José Mário Silva, *Expresso*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinora.pt](https://www.facebook.com/elsinora.pt)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-139-9



9 789895 891399